



Baleia baleia baleia



Era uma manhã quente e abafada na Floresta do Beira-Brejo, e Clara, a capivara, estava sentada à beira do rio, com um jornal em mãos e um copo de caipirinha na outra. O noticiário, como sempre, vinha com a manchete de costume: **"Mais um confronto mortal entre baleias! Baleia mata baleia em briga por território!"**. Clara bufou, revirou os olhos e gritou:

— **"Que merda é essa? Baleia de novo? Todo santo dia essa história! Baleia disso, baleia daquilo. Ah, pelo amor, já deu!"**

Os outros bichos ao redor olharam para ela meio desconfiados, mas já estavam acostumados com os surtos esporádicos de Clara. Ela estava à beira de um colapso nervoso por causa do excesso de notícias sobre baleias. Pior ainda, a palavra "baleia" ecoava pela floresta como um mantra irritante. Baleia pra lá, baleia pra cá. A cabeça de Clara parecia uma jukebox quebrada: **"baleia-baleia-baleia-baleia."**

E foi aí que ela explodiu:

— **"Tá de sacanagem, né? Vou resolver essa porcaria eu mesma! Essas baleias que me aguardem, vou dar cabo disso! Não aguento mais essa lenga-lenga!"**

Determinada e completamente fora da casinha, Clara, uma capivara de notória impulsividade, decidiu tomar medidas drásticas. **Comprou um arpão na internet** (com entrega expressa, claro, porque se tem uma coisa que Clara não suporta é esperar). Naquela noite, ela subiu num barco emprestado (ok, roubado) e navegou até o oceano com uma missão clara: **acabar com as baleias.**

Mas... como Clara nunca tinha visto uma baleia na vida, achou que fosse uma ideia brilhante começar a praticar com... golfinhos.

— **"Ai cacete! Isso é uma baleia bebê?",** disse ela, segurando o arpão enquanto mirava num golfinho que nadava inocentemente. Uma gaivota s o b r e v o o u e g r i t o u :

— **"Isso é um golfinho, sua anta! Aprende biologia antes de sair por aí matando!"**

— **"Ah, tá me zoando, né? São parentes, vai dar na mesma",** respondeu Clara, já completamente insana e levemente bêbada de

caipirinha de caju.

Foi quando o destino entrou em cena, na forma de Cíntia, a cegonha mais fofoqueira e dramática da floresta. Cíntia, que estava a caminho de uma entrega (diziam por aí que ela era a responsável por "entregar bebês", mas na real, era só contrabandista de açaí congelado), viu Clara em seu barco, surtando com um arpão na mão, e decidiu intervir.

— **"Clara, minha filha, que porra é essa?"**, gritou Cíntia, pousando com graça teatral no barco. **"Você tá maluca? Vai sair matando baleia por causa de manchete de jornal? Cadê o bom senso, mulher?!"**

— **"Bom senso? Bom senso? EU PERDI O BOM SENSO QUANDO OUVI A PALAVRA BALEIA PELA MILÉSIMA VEZ! EU VOU ACABAR COM ESSA ESPÉCIE!"**

Cíntia deu uma risada irônica.

— **"Tá de sacanagem, né? Me diz uma coisa, Clara: quantas baleias você conhece pessoalmente? Hein? Fala aí, não me enrola."**

Clara parou. Pensou. E... nada.

— **"Ai cacete... nenhuma, né. Mas e daí? Elas estão lá brigando, se matando, enchendo meu saco!"**

Foi então que Cíntia soltou a frase que mudaria a vida de Clara:

— **"Capivara que não conhece baleia, nem arpão devia ter.»**

Clara ficou boquiaberta.

— **"Que tipo de sabedoria de para-choque de caminhão é essa?!"**

Cíntia ignorou e continuou:

— **"Você tá culpando as baleias por uma coisa que nem tem nada a ver contigo! Além disso, você não tá nem no oceano, querida. Tá numa poça de maré, atirando em golfinhos. Se enxerga!"**

A capivara parou por um momento e percebeu que... sim, ela estava **completamente fora de controle**. Talvez fossem os jornais sensacionalistas. Talvez fosse o excesso de caipirinha. Ou talvez fosse só ela sendo **uma capivara completamente doida**.

Então, finalmente, Clara largou o arpão.

— "Ok, ok. Talvez eu tenha exagerado. Talvez. Só um pouquinho."

Cíntia revirou os olhos.

— "Ótimo. Agora, que tal a gente voltar pra floresta antes que você seja presa por tentar matar espécies protegidas?"

Clara, envergonhada, concordou. Elas voltaram para a floresta, onde Clara prometeu nunca mais tomar decisões impulsivas motivadas por jornais e excesso de caipirinhas. Bom, pelo menos até o próximo surto.

Mas uma coisa era certa: Clara nunca mais comprou um arpão. **E Cíntia, até hoje, usa essa história pra fazer fofoca por toda a floresta.**